

O CALIPOLENSE

SEMANÁRIO

DIRECTOR:
GABRIEL JACINTO PRIMO JALECO

SEDE DA ADMINISTRAÇÃO E REDACÇÃO:
Zona de Urbanização a Sul do Mercado, Lote 2 - Tel. 4 21 13 - VILA VIÇOSA

DELEGAÇÃO:
R. João de Deus, 66-1.º - Ap. 64 - Tel. 2 41 51 - EVORA

Homenagens

ao Prof. Dr. Bento de Jesus Caraça

O Conselho Administrativo da Fundação da Casa de Bragança resolveu assinalar em termos simples a moradia em que nasceu o Professor Doutor Bento de Jesus Caraça, no Pátio das Chagas, dependência do Paço Ducal de Vila Viçosa. Notícia que damos com agrado.

E «O Calipolense» exorta o povo de Vila Viçosa e erguer nesta sua terra natal monumento condigno ao ilustre matemático, pensador, escritor e político, que tanto amou o povo, o Alentejo e Portugal. Cada calipolense poderá contribuir da forma que entender, e aceitar-se-ão de bom grado contribuições de todos os portugueses. E muito nos apraz anunciar a primeira contribuição: de 1 000\$00, da Obra Social de S. Martinho da Gândara (Oliveira de Azeméis), de que foi fundador e é director o nosso Amigo, Snr. Dr. António Luiz Gomes.

Registaremos nas páginas deste jornal todas as contribuições para o «Monumento ao Prof. Doutor Bento de Jesus Caraça na sua terra natal — Vila Viçosa». Ele está vivo no pensamento de todos os portugueses, em especial no dos Calipolenses. Queremos honrá-lo com um monumento correspondente à sua craveira de homem, de calipolense e de português. Devemos fazê-lo, o mais tardar, em 18 de Abril de 1975, data em que completaria 74 anos de idade.

Era ou não fascista o regime em que vivemos até 25 de Abril?

Os sete pilares do fascismo

É corrente afirmar que o regime durante o qual Portugal viveu durante os últimos quarenta e oito anos era fascista, e que, implicitamente, todos quantos alguma vez concordaram com alguma das suas atitudes — ou delas não discordaram por meios espectaculares — são fascistas.

Será de facto assim? O simples facto de se pôr em dúvida o que a toda a gente parece não oferecer dúvidas pode parecer surpreendente. Em regra, porém, o que é surpreendente é que é verdade.

A filosofia fascista assentava — como a sabedoria de Lawrence da Arábia — sobre sete pilares. O primeiro era o totalitarismo: a devoção total do País ao Estado — «Nada acima do Estado, nada fora do Estado, nada contra o Estado.» O segundo era o nacionalismo: a nação é a mais alta forma de sociedade — forte, grande, auto-suficiente e poderosa. Para tanto devia ter uma população cada vez mais numerosa e uma

cada vez maior diqueza e poderio. Vinha depois o idealismo: a convicção de que «uma nação podia ser tudo quanto ela quisesse ser». Com trabalho, coragem e renúncia à satisfação de pretensões e egoístas, todos os povos podiam construir a sua própria grandeza. O romantismo é o quarto dos pilares do fascismo: a razão não basta para a solução dos grandes problemas nacionais, importava, também, a fé, o espírito de sacrifício, o culto do heroísmo e da força. O homem nobilita-se lutando e sacrificando-se por ideais e nenhum mais nobre e mais digno do que o do amor e defesa da Pátria. O autoritarismo é, sem dúvida, o pilar feio do fascismo: a soberania do Estado era absoluta. O cidadão não tinha direitos contra o Estado em questões que este pudesse estar em causa, como representante dos interesses superiores e permanentes do país. Por esta razão o que as nações necessitavam não era de liberdade, mas de trabalho, ordem

e prosperidade. O militarismo era uma consequência directa dos cinco anteriores pilares: a guerra exalta e enobrece o homem — e condena os povos preguiçosos e decadentes. Finalmente o sétimo pilar, o do imperialismo: a conquista de novos territórios como elemento do crescimento nacional por via da exploração dos seus recursos assim incorporados na comunidade nacional.

No sistema económico típico do fascismo — o corporativismo — a vida económica era dominada pelo Estado, muito embora a propriedade continuasse a ser privada. Tanto os patrões como os empregados tinham de se comportar segundo as normas que lhes eram designadas. Mas contra o que se supõe o fascismo sempre olhou para o capitalismo com grande desconfiança.

Poder-se-á dizer que o breviário facista e a sua desconfiança perante o capitalismo só incompletamente está resumido

(Continua na página 4)

Sobre economia capitalista

Capítulo II: A GREVE

Costumavam os operários parisienses, quando se viam desempregados, reunir-se numa prala chamada Place de Grève. Isto no século passado. Costumavam reunir-se para, em bloco, se defenderem da ameaça que sobre si pesava: a fome. Fome que surgia como manifestação última e dolorosa da injustiça social inerente a toda a eco-

nomia que esteja apenas sujeita às leis do mercado.

Sistema económico que apenas respeita as leis do mercado é o sistema capitalista. A oferta e a procura, o lucro com fim último da máquina em movimento, sem respeito algum pelos valores humanos, sem respeito algum pela pessoa do trabalhador, determinam todo um

tipo de relações sociais de produção que assentam na sujeição do trabalhador ao capital, do trabalhador ao burguês endinheirado, do escravo ao amo. A função social do escravo é produzir bens de consumo para a sociedade, a do amo é usufruir desses bens. O escravo apenas é proprietário da sua força de trabalho. O amo é detentor das máquinas, das propriedades, do capital, o amo reclamará para si o direito de dispor do lucro do seu investimento como lhe apetecer.

Ao operário é atribuído um salário. Já vimos, porém, como este salário não pode nunca corresponder ao justo valor do trabalho efectuado. Pois, se correspondesse ao justo valor do trabalho efectuado, o lucro desaparecia enquanto rendimento para o patrão e convertia-se «ipso facto», ele próprio, em salário... Ora, se todo o sistema económico capitalista está montado para promover o lucro de quem investe o seu dinheiro, será legítimo esperar que esse sistema económico ou o Estado Burguês que o defende ponham em causa esse mesmo lucro como fim em si, para defender algo que para eles não passa de um meio para atingir um fim, para defender o trabalhador?

Daquilo que se subtrai ao justo valor do trabalho efectuado pelos operários é que se constitui o lucro! Daquilo que se subtrai ao justo valor da força de trabalho desenvolvida, da diferença entre este justo valor e o valor que lhe é atribuído no salário, diferença esta a que Karl Marx chamou «mais valia».

Claro que os operários, ao tomarem consciência da exploração a que estão sujeitos, explodem em

(Cont. na página 3)

Face a face

Corações elevados,
sangue correndo vertiginosamente;
queda do desprezo,
que se desfaz na tua boca.

Grita azul,
eu arrefeço.

Delira, se choro
cria-se o pânico, se te illumino...

Força que nos atrai p'ro abismo,
verdade de não sermos nada,
nem tu, ou eu...
nem mesmo nós,

Maria João Lyra Fernandes

Continua na página 3

Fazem anos:

Dia 27 de Julho:
Angélica Maria Machadinho Caeiro.

Dia 28 de Julho:
Gertrudes da Conceição Azeiteiro Ferreira

Dia 29 de Julho:
Mariana Conceição Jorge Beja
Dia 30 de Julho:
Artur Lebre Gonçalves
Eduardo Fernando Palma Pinto
Francisco Alegrias Cravo
Lino Manuel Ferrão Vilas-Boas
Maria Manuela Redolho Silvério
Mariana da Colitra Pinhal Sino-

Dia 31 de Julho:
Teolinda Silva Faleiro Ferreira
Dia 1 de Agosto:
Carlos Filipe Letras Saúde
Joel Ramos Bravo
Dia 2 de Agosto:
Fausto Dias Correia
João Dias Camponês
Maria Filipa Almeida
Dia 3 de Agosto:
Augusta da Conceição Simões

Ramos

João José Dias Camponês
Maria Genoveva Ferreira Evaristo Cuba

Dia 5 de Agosto:
João Ricardo de Matos Coelho

Dia 6 de Agosto:
Dimas da Conceição Patacão

Maria da Conceição Rosado

Dia 7 de Agosto:
Ilda Salvado Antunes Marques

José Joaquim Nunes Ramos
Eug.º Manuel Telxeira Mendes

Dia 8 de Agosto:
Joana Trindade Ramos

Dia 9 de Agosto:
Jorge Joaquim Lourinho Santos

Dia 11 de Agosto:
António Inácio Borracho Jardim

Hilário António Almeida

Empreiteiro de obras de Construção (inscrito na C.M.V.V.)

Venda de Materiais para a Construção Civil

Residência:

ALDEIA DE BAIXO

Depósito de vendas:

Largo Mousinho de Albuquerque

Telefone 4 24 11

VILA VIÇOSA

ALVICUBA, LDA.

OFERECE-LHE:

MAQUINAS DE LAVAR, desde	5 600\$00
FRIGORIFICOS, desde	3 450\$00
TELEVISORES, desde	5 850\$00
RÁDIOS COM GIRADISCOS ESTEREOFÓNICOS desde	2 750\$00
DISCOS L. P., desde	55\$00
ASPIRADORES, desde	1 650\$00
ENCERADORAS, desde	1 600\$00
FOGÕES A GÁS, desde	1 195\$00
ESQUENTADORES A GÁS, desde	1 995\$00

e muitos outros artigos...

NOS SEUS ESTABELECEMENTOS EM

VILA VIÇOSA - Tels. 4 22 50/4 21 02 ★ ESTREMOZ - Tel. 508

Prefira as melhores marcas:

CANDY — ZANUSSI — FAGOR — KELVINATOR

PHILIPS — GRUNDIG — OLIVA, ETC.

NASCIMENTOS

Nasceu no passado dia 19 de Julho, em Bencatel, o menino José António Ricardo Galhofas, filho da sr.ª Maria Joaquina Serrano Ricardo Galhofas e do sr. Isidro Inácio Lopes Galhofas, naturais de Bencatel.

★
Nasceu no passado dia 12 de Julho, em Vila Viçosa, o menino Rui Manuel Palma Rosado, filho da sr.ª Maria Alzira Batanete Palma Rosado e do sr. Miguel António Mesuras Rosado.

★
No passado dia 23 nasceu o Hugo Lourenço Rodrigues Carvalho, filho do nosso amigo sr. Anselmo de Jesus Rodrigues Carvalho, ajudante da Conservatória e subdelegado do Procurador da República em Vila Viçosa, e de sua mulher, D. Maria Amélia Vaz Lourenço Rodrigues Carvalho, professora do ensino primário.

Aos bebés desejamos uma vida longa e muito feliz.

Aos pais e avós os nossos parabéns.

CASAMENTOS

Realizou-se no passado dia 30 de Junho, em São Romão, o casamento do sr. Arnaldo José Leitão Capelas com a sr.ª Maria Carolina Baixinho Pestana, ambos de Cilandas.

O noivo, de 20 anos, é filho do sr. Francolino José Capelas e da sr.ª Juliana Rosa Leitão.

A noiva, de 16 anos, é filha do sr. Cesário Joaquim Pestana e da sr.ª D. Catalina Rosa Baixinho.

★
Realizou-se no passado dia 20 de Junho, em São Romão, o casamento do sr. Custódio José Real Vilas com a sr.ª Ana Maria Raleira Laureano, de Cilandas.

O noivo, de 25 anos, é filho do sr. Testuliano José Vilas e da sr.ª Basílica Rosa Real. A noiva, de 23 anos, é filha do sr. Francisco da Conceição Laureano e da sr.ª Matilde Maria Bragança Raleira.

Aos noivos, apresentamos as nossas melhores felicitações, com votos das maiores felicidades.

ABEL MARIA RIBEIRO MOURATO

Foi nomeado aspirante estagiário da Repartição de Finanças de Vila Viçosa, o sr. Abel Maria Ribeiro Mourato, a quem desejamos os maiores sucessos.

CORRESPONDÊNCIA, POESIA E POSTAIS ILUSTRADOS

TROCAM:

Linda Maria Costa Gomes
Travessa Afonso Henriques, 7
SESIMBRA
Maria Helena Moreira Rato
Av. Guerra Junqueiro, 11, cave, dt.º
LISBOA

(Só correspondência, com jovens dos 15 aos 20 anos):

António Inácio Borracho Jardim e
Hermenegildo António Borracho Jardim

Bairro de Santa Maria, 7
VILA VIÇOSA

N. R. «O Calipolense» aceita e publica gratuitamente nomes e moradas nesta secção.

COZINHEIRO

Informa-se que está aberto concurso para o provimento do cargo de Cozinheiro da Messe do Quartel General da Região Militar de Évora, pelo que todas as pessoas interessadas poderão desde já dirigir-se a este Estabelecimento a fim de apresentarem as suas condições e serem mais pormenorizadamente informadas.

DR. JORGE PAIXÃO PIRES

Foi nomeado e já assumiu funções de Delegado do Procurador da República na comarca de Vila Viçosa, o sr. dr. Jorge Paixão Pires.

Desejamos-lhe uma estadia plena de felicidades pessoais e profissionais.

FALECIMENTOS

Faleceu no passado dia 16 de Julho, em Vila Viçosa, o sr. João António Capelas, de 65 anos de idade.

Era filho dos srs. António Joaquim Capelas e de Angélica de Jesus Maneta.

Era solteiro, natural de Cilandas, residente em Vila Viçosa.

★
Faleceu no passado dia 17 de Julho, em Vila Viçosa, o sr. José Maria Canelhas, de 76 anos de idade.

Era casado com a sr.ª D. Joaquina Inácia das Janelas, de Bencatel.

Era filho dos srs. Francisco António Canelhas e de Maria do Rosário Rocha.

As famílias enlutadas apresentam sentidas condolências.

Grande convívio de desportistas Calipolenses e Palmelenses

Nos passados dias 9 e 30 de Junho realizaram-se, respectivamente em Vila Viçosa e Palmela dois desafios de futebol a que se seguiram também dois almoços de confraternização que reuniram cerca de uma centena de desportistas da velha guarda. Destes extraordinários acontecimentos damos conta a seguir:

Em VILA VIÇOSA, sob a arbitragem do sr. Natálio Vinagre, auxiliado pelos srs. Nevado (Vila Viçosa) e Quim (Palmela), os grupos alinharam do seguinte modo:

«CALIPOLENSES» — J. Canhoto, J. Toscano, Patacão, Rui e Serrador; I. Bacalhau, Farias e Lopes (Filho); Carlos Alberto, Lopes (Pai) e Quirino.

Suplentes utilizados: Espadinha e Bêro.

«PALMELENSES» — Armando, Marinho, Hélder, Marcolino e Taniço; Salvador, Rui e Assis; António Júlio, Idaleciano e Lucílio.

Suplentes utilizados: Barrocas e Mário.

Resultado final: 3-3.

Marcadores: Pelos «Calipolenses»: Marcolino, na própria baliza, Lopes (Pai) e Farias. Pelos «Palmelenses»: Idaleciano, António Júlio e Lucílio.

Massagista, Aguadeiro e Treinador em Campo: António João Rosa.

Num breve apontamento sobre o encontro diremos que o resultado se ajusta perfeitamente ao que se passou nos noventa minutos de jogo, embora os visitantes fossem ligeiramente superiores na esquematização das jogadas.

Seguidamente, na Quinta do António Dario e servido pelo próprio, realizou-se o almoço que decorreu dentro da melhor alegria e amizade e em que todos mostraram ser dignos discípulos do «Rei Baco». A caravana forasteira ainda teve oportunidade de visitar alguns monumentos da nossa vila, nomeadamente o Palácio Ducal, Castelo e Convento dos Agostinhos, regressando já de noite a Palmela.

Mas foi em Palmela, terra que não conhecíamos, mas que trouxemos no coração, pela sua beleza e pela hospitalidade da sua gente, que teve maior expressão a confraternização entre os desportistas das duas terras.

A caravana Calipolense, composta por cerca de 50 pessoas chegou no sábado por volta das 19 horas, fazendo logo uma visita ao magnífico Parque de Jogos e ao Cine-Teatro, soberba obra arquitectónica.

Depois foi a «sardinhada» trazida de Portimão pelo Faustino (que não vimos há uma dúzia de anos) e pelo

Goulão e em que o José da Abília pôs à prova a sua arte de «assador» (até ia ficando também assado), mas elas estavam tão apetitosas e fresquinhas, que era de chorar por mais. Houve fadinhos e à viola, já se sabe esteve o Espiga. Seguiu-se o baile, no Pavilhão das Festas das Vindimas, que esteve bastante animado e que durou até de madrugada.

No domingo, pelas 10.30 horas, realizou-se o encontro de futebol, com razoável assistência, em que predominava a feminina da caravana calipolense, que diga-se desde já, foi de uma vivacidade constante, esteve sempre em jogo, com destaque para a Sassão, Silvina, Geca, Bia, Guilhermina, etc.. Sob a arbitragem do Fernando Pacheco, da C. D. A. de Setúbal, auxiliado pelos srs. Jaime e Albino, os grupos alinharam como se segue:

Palmenses: Armando, Marinho, Joaquim Cunha, Marcolino e Taniço; Assis, Hélder e Salvador; António Júlio, Lucílio e Rui.

Suplentes utilizados: Octávio e José da Abília.

Calipolenses: J. Canhoto, Faustino, Patacão, Farias e Quirino; I. Bacalhau, José Alberto e J. Toscano; Lopes (filho), Lopes (pai) e Espiga.

Suplentes utilizados: Serrador, Rosa, Rui, Goulão e Espadinha.

Resultado final: 4-4.

Marcadores: pelos «Palmelenses» — António Júlio, Salvador, Armando e Octávio.

Pelos «Calipolenses» — Lopes (pai) 2 e Serrador 2.

Boa arbitragem do nosso amigo

José Bêro

MILHÓLEO

óleo puro de germen de milho extraído por pressão

rico em ácidos gordos poli-insaturados

Consulte o seu médico

e saberá porque deve preferir este óleo alimentar

MOAGENS ASSOCIADAS, S.A. R. L.

ALHANDRA

SEDE — Avenida da Liberdade, 270

LISBOA

Economia capitalista

(Continuado da página UM)

manifestações de desagrado, mais ou menos violentas, mais ou menos bem organizadas manifestações essas a que os patrões fascistas costumam chamar «crimes», «desacatos», «tumultos», etc., etc., etc., e os patrões democratas burgueses, num derradeiro suspiro de paternalismo ofendido, «ingratidão».

Ora a greve é uma dessas maneiras dos explorados fazerem saber aos exploradores que tomaram consciência da exploração a que são sujeitos e não estão pelos ajustes. A greve é uma importante arma de defesa das classes trabalhadoras. Contra ela se levantam os patrões com despedimentos atemorizadores, com ameaças de crises económicas, com a brutalidade das forças repressivas.

Por terem tido consciência da exploração a que estavam sujeitos e da necessidade de lutar contra ela, por terem sabido que uma importante arma de defesa de que dispunham era a greve e não terem querido abdicar dela, sujeitaram-se ao desemprego e à fome milhares e milhares de trabalhadores do nosso País e de todo o resto do Mundo, fizeram frente às crises económicas muitos povos (o povo russo, logo a

seguir à Revolução de Outubro de 1917, por exemplo) receberam a peito descoberto as balas assassinas dos cães de guarda da burguesia aqueles nossos conhecidos mártires da justa luta dos trabalhadores (Catarina Eufémia, Dias Coelho, Alfredo Diniz, centenas de estivadores guineenses em 1958, em Bissau, e muitos outros).

No século passado, os operários parisienses sem trabalho costumavam reunir-se numa praia chamada Place de Grève. Sob a ameaça da fome e sem poderem trabalhar para comer, agrupavam-se assim em bloco, irmanados na mesma luta que se lhes impunha contra a fome. Ora a fome é a ameaça última que se abate sobre as classes trabalhadoras. A primeira é já em si a própria condição de classe explorada que as classes exploradas têm. Entre estas duas ameaças, infinitas outras, a alimentação deficiente, a habitação sem um mínimo de condições, a ausência de protecção eficaz face à doença, o analfabetismo permitido e o semi-analfabetismo institucionalizado e fomentado (!!!) (Salazar chegou a ter pura e simplesmente fechadas durante uma série de anos as Escolas onde se deviam preparar os futuros professores primários, substituiu-os no en-

sino, em muitos locais, por regentes mal preparados, e chegou ao cúmulo de declarar publicamente que saber ler, escrever e contar era suficiente para os trabalhadores). A medida que foram tomando consciência de toda esta gama de consequências funestas da engrenagem capitalista exploradora, os trabalhadores começaram a agrupar-se, a irmanar-se, a lutar em bloco, unidos na comum condição de explorados. Aperceberam-se de que a fome e o desemprego não são as únicas ameaças a que têm de fazer frente, são apenas as formas mais dolorosas do risco que correm aqueles que só têm de seu a força do trabalho e que vêem esta força ser utilizada como um meio para o lucro dos que exploram o trabalho alheio. Agora já não se reúnem apenas quando não têm trabalho na tal praia chamada Place de Grève. Reunem-se nos locais de trabalho para fazer as suas exigências, justas exigências de melhoria de salários, de melhoria de condições de trabalho, de acesso ao ensino e à cultura para si e seus filhos. E, quando lhes é recusada a satisfação dessas exigências, então rejeitam o papel social que lhes é atribuído de produtores de lucros para o patrão, sem direito a um mínimo de regalias e deixam de trabalhar. Os seus avós reuniam-se na Place de Grève por não terem trabalho. Eles decidem justamente não poderem, também eles, trabalhar nas condições concretas que lhes oferecem. Assim o nome da praia parisiense se tornou extensivo a essa forma de luta dos explorados face aos exploradores: a Greve.

Francisco Coelho Madureira

Quem são os fascistas?

(Continuado da última página)

de tanto factor não ficou vinculado? Mesmo sem disso se aperceber?

A palavra democracia anda de boca em boca e no pensamento de tantos.

Em seu nome, vemos proceder tal qual o faziam aqueles que hoje repudiamos e a que chamamos fascistas.

Tudo isto nos deixa disiludidos, descrentes.

Por fascismo entendemos um sistema que subjuga pela força, pela violência, pelo capricho de um chefe, rodeado de sicários. Conduz-nos à lei da selva. E desta forma de viver todos nós temos experiência, ao ponto de saturação.

Democracia, diz-nos liberdade, responsabilidade, trabalho, produção de riquezas, interesse pelo bem comum, numa participação harmónica. Não há liberdade, quando alguém impõe a sua vontade ou capricho e estes vão fazer cercear a liberdade de outrém. Ao roubar a liberdade alheia estamos dispostos de um bem que nos não pertence, logo não temos o direito de ser livres.

As Forças Armadas não pretendem aniquilar uma ditadura experiente para entregarem o país a ditadores de trazer por casa, que pelo seu estado de inconsciência, invocam a democracia e em seu nome tomam as atitudes ditatoriais que entendem e não as que lhe confere o povo.

Pois todos os que em nome da democracia tomam atitudes despóticas, impondo vontades pessoais, auto-nomeando-se líderes sem que democraticamente lhes tenha sido conferido mandato, são verdadeiros reaccionários, que destoem o sentido democrático, anulam as intenções da Junta de Salvação Nacional e atraíam cobardemente todos os nobres e jovens oficiais que tudo arriscaram para modificar aquilo que ninguém pensava fosse tão fácil.

É necessário que todos se revejam ao espelho, para que cada um verifi-

que se é realmente ou não, no conceito actual, um autêntico fascista.

Precisamos de ser serenos. Precisamos de actuar disciplinarmente, de acordo com as instruções dos sectores governativos. Portugal estava agonizante. Precisa do esforço de todos os portugueses de boa vontade, excepção feita daqueles sobre os quais impendam crimes.

Esforcemo-nos todos em produzir mais e melhor, pondo de lado a preocupação de sobressair individualmente. A democracia impõe ordem, disciplina, esforço colectivo, boa compreensão inter-classes, para numa obra de conjunto se poder realizar um trabalho de equipa.

Como sabem as Forças Armadas, que todos vitoriamos e muito bem, também mudaram e ninguém os atacou, (salvo raras excepções) de terem servido, mantido e consolidado o governo ditador.

Os heróis de hoje, seriam traidores se a revolução não vingasse e teriam os valores militares que sofrer amargas consequências.

Felizmente que o seu esforço foi coroado de êxito, como o deveria ser para premiar a generosidade com que se devotaram, para que fosse possível resgatar do abismo certo, o Portugal que tanto amamos e cuja debilidade servia apenas umas centenas de sanguessugas, sem escrúpulos, à custa dum sub-desenvolvimento em que vivia toda a humilde população trabalhadora.

Deixemos-nos de atitudes reaccionárias que desmascaram e atraíam os princípios democráticos que são indispensáveis para a construção de um Portugal Novo, mais humano, mais igual para todos os portugueses.

Aguardemos calmamente que o povo decida quem deve governar-nos.

Não somos muitos para construir um Portugal, novo, pacífico empreendedor, que sirva a todos por igual e não apenas a minorias.

in «Jornal de Viana do Alentejo»

SINDICATO DOS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO E CAIXEIROS DO DISTRITO DE ÉVORA

Em assembleia geral realizada em 17 de Junho passado, foram eleitos os seguintes sócios para gerirem os destinos deste organismo:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente — Hélio Abílio Martins; 1.º Secretário — Maria Bernardete Piteira Rodrigues; 2.º Secretário — Fernando Henrique P. Soeiro.

DIRECÇÃO

Presidente — Manuel Espírito Santo da Costa; Vice-Presidente — Luís António de Mira Vieira; Secretário — Joaquim António Torrinha Lopes; Tesoureiro — Sara de Lurdes Teigão Fragoso de Lima; 1.º Vogal — Fernando Rolo Valverde; 2.º Vogal — José António Domingues; 3.º Vogal — Zulmiro Rodrigues.

«O Calipolense» deseja-lhes uma gestão cheia de bons resultados.

PROPRIEDADES DAS FRUTAS

— CEREJA

Segundo alguns historiadores, a Cerejeira apareceu na Ásia Central sendo depois transportada, há mais de mil anos, para a Ásia Menor e daí para a Europa.

A cereja, como alimento nutritivo e de prevenção contra todas as doenças, não é actualmente bem considerada em virtude de não ser comida só com alimentos compatíveis, para assim se aproveitarem as suas propriedades na purificação do nosso organismo.

Como vitaminas temos em alto grau a A e C que servem para o crescimento e para fornecer cálcio aos ossos.

Como sais minerais temos o ferro e fósforo.

As cerejas exercem uma acção de drenagem sobre o aparelho urinário e o intestinal, sendo ainda, também, um calmante dos nervos.

Comei cerejas sem abusar.

J. Serra

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DE REDONDO

Da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Redondo, recebemos bem elaborado relatório, contas da Direcção e parecer do Conselho Fiscal, respeitantes ao exercício de 1973, o seu 22.º.

Agradecemos.

OFERTAS PECUNIÁRIAS AO M. F. A.

Os trabalhadores da firma João Cândido Belo e C.ª Lda. adstritos à secção de Évora e da qual fazem parte os núcleos de Montemor-o-Novo, Reguengos de Monsaraz, Vila Viçosa e Estremoz, manifestando o seu inteiro apoio à acção desenvolvida pelo Movimento das Forças Armadas, decidiram ofertar a quantia de 40 000\$00 no intuito de colaborar na tarefa da reconstrução da economia Nacional.

Com idêntica finalidade a Gerência, Pessoal de Escritório e Chefe dos Electricistas, da Fábrica dos Leões em Évora, enviaram ao Quartel General da R M E, 3,417\$10 referente à oferta de um dia de trabalho.

OPERAÇÃO SORRISO:

De Angola, com Amor!

A. M. Raposo Pena, distinto jornalista alentejano, camarada e amigo de inesquecível jornada profissional a Angola, publicou, de 22 de Setembro de 1973 a 2 de Março deste ano, no «Jornal de Sintra», as suas crónicas daquela jornada, que posteriormente foram editadas em excelente colectânea, separata daquele Jornal.

Agradecemos o exemplar enviado ao nosso director e bem assim as palavras amigas da sua dedicatória.

Artes plásticas?

Marque Lisboa 70 43 04
GREGÓRIO GOMES

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Évora

AVISO

Para conhecimento dos contribuintes desta Instituição, transcreve-se o despacho de Sua Ex.ª a Secretária de Estado da Segurança Social, de 7 de Junho de 1974.

«Encontrando-se desactualizados os valores mensais a atribuir alojamento e a alimentação, para efeitos de contribuição para previdência e abono de família, determino que os referidos valores passem a ser os a seguir indicados, quando em convocações colectivas de trabalho não sejam fixados quantitativos superiores:

Concelhos onde os beneficiários exercem a actividade	Alimentação	Alojamento	Aliment. e alojam.
Concelhos de Lisboa e Porto e urbanos de primeira ordem federados com aqueles	600\$00	850\$00	1250\$00
Concelhos com sede em outras capitais de distrito	600\$00	750\$00	1150\$00
Restantes concelhos	550\$00	600\$00	950\$00

O presente despacho entra em vigor em 1 de Julho de 1974».

A DIRECÇÃO

Como se faz a História

(Continuado da página UM)

Nova leitura a convite, perante uma Comissão Coordenadora que fora eleita. Reservas sobre a aceitação; muitas reservas.

Entretanto, a inevitável intervenção pidesca.

A vinte e dois de Dezembro, o Tenente-coronel é mandado embarcar para a Guiné com um pedaço do seu Batalhão, desmembrado no tempo e no espaço.

Mas ficou a patrar ao largo uma boia de Liberdade que havia de ser quatro meses passados, agarrada como um tesouro que tivesse dado à praia, sem já ninguém saber donde provinha.

Guiné 22 Maio-74.

Lulz Ataíde Banazol
in «Linhas de Elvas»

NOTA DA SEMANA

Portuguesismo

Dum amigo, há muitos anos radicado em Carmona, recebi uma carta, escrita recentemente na capital do Uige, impregnada de patriotismo e de esperança, em termos tais que sinto dever transcrevê-la, numa homenagem aos portugueses que sentem e pensam como este meu amigo, que respeito e admiro. São palavras de um português, pobre de bens materiais, que se orgulha de nunca ter aspirado a mais do que viver e dormir com a consciência na paz e tranquilidade que caracterizam uma vida de muitos anos inteiramente votada ao país que ama e no qual nunca teve, para ele e os seus mesmo na África rica, mais do que uma casa modesta, muito trabalho e, para confraternizar com a família, que adora, uma mesa simples que nunca ultrapassa os requintes da gente pobre.

Vivi na África portuguesa, que recorde sempre com saudade. Fui para lá com passaporte, que me foi passado no Governo Civil de Lisboa, onde morava, e, porque não tinha ainda registado o contrato de trabalho de que, a partir da capital, era portador, passados dois meses fui chamado à Administração do concelho onde vivia «para exhibir contrato de trabalho ou receber ordem de expulsão da província».

Regressei em fins de 1958 com fortuna igual àquela que cá deixara; deixei por lá muito da minha juventude e bastante da minha saúde. Mas... recorde sempre África com saudade e no ano passado por lá andei. Desta vez, porém, sem passaporte, e, embora em trabalho, não me exigiram que o demonstrasse. Por isso melhor compreendo as palavras daquele meu amigo que a seguir transcrevo:

«... dentro dos novos condicionamentos políticos não sei o que o futuro nos reserva. Uma incógnita paira sobre a vida dos brancos aqui nascidos ou radicados assim como de inúmeros pretos mais portugueses do que muitos que aí se proclamam como tal. Uma certeza porém nos anima a todos: confiamos no bom senso dos actuais governantes para que não sejamos nós os covetores de uma gloriosa epopeia de 500 anos, iniciada com tanto sacrifício e mantida ao longo dos séculos heroicamente em vidas e bens por aqueles que orgulhosamente se sentiam verdadeiros portugueses».

G. J.

Os sete pilares do fascismo

(Continuado da página 11)

nestes sete pilares da sua filosofia.

Mas é evidente que um movimento tão amplo, e que sem dúvida, foi dominante na história do Mundo durante quase vinte anos, não pode ser rigorosamente definido em meia dúzia de linhas. O fascismo — como o nazismo — foram fenómenos nascidos da primeira guerra mundial — do tratamento que a Itália, vencedora, e a Alemanha vencida, receberam da conferência de Paz e da Crise Económica e Social que então assolou a Europa. Para os compreender — tal qual como o comunismo — temos que nos integrar no tempo e nas condições em que eles eclodiram.

Qualquer tentativa de transposição da filosofia fascista para outro país, tinha fatalmente de falhar. Tanto na forma como no espírito. Mas o malogro de uma maneira ou de outra, era inevitável.

O regime sob o qual Portugal viveu, durante os últimos quarenta e oito anos, teve sem dúvida, instituições semelhantes às dos Estados fascistas. Teve um sistema económico que se apresentava como corporativista. Mas não era totalitário. O Estado não estava «acima de tudo» dado que os interesses pessoais ou de grupo, muitas vezes, até de mais, se sobreponham aos interesses gerais. Também não era nacionalista: os interesses estrangeiros lutavam em igual plano com os interesses nacionais sempre que isso convinha ao Estado ou quando este entendia ser este o caminho mais útil ao País. Não era idealista: os ideais — hélas! — só existiam para serem apreçados. Não era romântico — assentava em coisas materiais: no interesse próprio e na igno-

rância do esforço alheio, na caça à pequena recompensa (uma carreira imerecida feita à custa de relações pessoais, ou a uns vinténs obtidos sem razão à custa de uma pequena ilegalidade facilitada por uma posição a que por sorte se ocupava). Não era autoritário: a autoridade não existia — excepto para reprimir as opiniões discordantes, mais contra as pessoas do que quanto ao regime. Os interesses ao serviço dos quais se colocava a autoridade do Estado raramente eram os nacionais. Não era militarista: as forças armadas não dispunham de meios indispensáveis ao bom desempenho das suas obrigações, nem ocupavam a posição social a que tinham direito em função dos sacrifícios que lhe eram exigidos e tinham — toda a gente hoje sabe que era assim — vencimentos muito baixos (um capitão a custo ganhava tanto como um segundo caixeiro de uma loja de modas na Rua do Ouro). Finalmente não era imperialista: longe de tirar todo o proveito do domínio de outros povos, procurava uma integração destes no todo nacional com proveito económico e social para todos mas principalmente para os mais atrasados.

Sendo assim, como poderá dizer-se que o regime passado — e cujo regresso ninguém deseja — era fascista? Não se andará a jogar com palavras?

Aliás a questão está resolvida. Um ilustre membro do Governo já esclareceu o assunto: «Mas como é que se há-de saber quem é e quem não é fascista? É muito fácil. Mesmo para alguém que não conheçam de trás — e estou convencido que começam a dizer aos estudantes, aos jovens estudantes que têm de se submeter à autoridade do professor porque o professor é que manda tudo e o estudante tem de estar de boca calada — isso é fascismo.

Quando um camponês chega ao hospital para ser tratado, para saber se está doente, para saber que tipo de doença é que tem, e lhe dizem que espere, que não tem importância, que

se vá embora, que não é ali — isso é fascismo.

Quando uma mulher chega a uma repartição pública porque precisa de tratar de um papel qualquer para uma pessoa da família e é maltratado, fica muito tempo à espera, não lhe ligam importância, partem do princípio de que, por ser mulher, não conta — isso é fascismo.»

Que mais será necessário dizer? Felizes dos eruditos!

(in «Jornal Português de Economia & Finanças» — Junho de 1974)

IMPrensa

O SORRAIA

Este nosso prezado colega, de Coimbrão, agora dirigido pelo dr. José Manuel Pereira da Silva, que cumprimos, referiu-se ao nosso recente aniversário, muito lhe agradeço, embora tardiamente, e que esperamos nos perdoe, a gentileza das suas palavras e das felicitações com que nos distinguiu.

COMÉRCIO DE PORTIMÃO

Entrou há dias no 49.º ano de publicação o nosso estimado colega «Comércio de Portimão», dirigido pelo bom amigo Pedro Octávio Leal (inesquecível camarada do «CD» Angola no ano passado.

Parabéns e votos de longa vida. Pedro Leal, ao seu prestigioso jornal e a todos quantos nele trabalham.

O SESIMBRENSE

Também este nosso simpático colega está de parabéns: entra amanhã no seu 50.º aniversário.

Aqui lhes deixamos, sinceramente extensivos ao seu ilustre director todos os demais colaboradores.

Quem são os fascistas?

Se ter servido de qualquer modo a Nação, coadjuvando em algum sector, com o governo ditatorial de Salazar e Caetano, representa ter servido o fascismo e portanto ser fascista, quem foi que a ele não ficou vinculado?

Se num peneirar das populações tirassem aqueles, quem ficaria? Quantos ficariam? Quantos?

E mesmo dentre a minoria que não chegou a vincular-se, de qualquer forma, por serem novos, etc., terão eles (os que hoje fazem alarde de serem democráticos) um espírito isento e de essência verdadeiramente democrática?

Se cada um fizesse um exame retrospectivo da sua vida política; se cada um procurasse realizar um filme do seu «ego» político e analisasse bem se todos os seus actos estão de acordo com a doutrina que hoje apregoam, quantos não teriam vergonha que alguém visse esse mesmo filme? Quantos? E eles próprios, na quase totalidade, certamente que não gostariam de o ver.

(As perguntas pertinentes que acima reproduzimos e que se reves-

tem de especial significado nesta hora de conturbada euforia nacional, foram publicadas no colega «Notícias de Chaves» e que, por corresponderem ao pensamento de quantos trabalham em «Jornal de Viana do Alentejo» aqui ficam transcritas. As respostas merecem, também, a atenção do leitor).

Em terras pequenas conhecemo-las bem. Eles proliferam por todas as classes e sectores:

Médicos democráticos e líderes, que não hesitavam em servir as Caixas, não para prestar serviços aos sindicalizados, mas para, tão pouco democraticamente, se manterem apenas para ganhar dinheiro, já que as consultas, na sua generalidade eram feitas a correr e isentas de ética profissional;

Comerciantes, (poucos felizmente) que tanto se exteriorizam hoje, dizendo-se democráticos e que sempre foram dos mais mesquinhos no pagamento ao seu pessoal, sendo inclusivamente os que mais os escravizavam;

Industriais que enriqueceram sem nunca se terem lembrado que a molé-

cula real que lhes criou esses proventos foi o esforço dos operários e dentre eles poderemos contar pelos dedos os que fazem participar os operários nos lucros da empresa;

Funcionários públicos, que para o serem, declaravam por sua honra (declaração 27 003), o quê? O que é que eles declaravam? Destes, alguns desculpam-se que o faziam para poderem sobreviver. Mas nós conhecemos quem, tendo cursos superiores, poderia dedicar-se a profissões liberais. Por que o não fizeram? Por incapacidade, comodismo, por quê?

Advogados que se vangloriam de sacrifícios sem conta, supondo que o povo ignora que a ausência do país se deve a outros crimes, que não os políticos?

Militares que mantiveram durante 48 anos os governos ditadores fascistas?

Repetimos que, depois de quase meio século de ditadura, quem? quantos? quantos são os que, mere-

ASSINATURAS

1. Estamos a proceder à cobrança de assinaturas, regozijando-nos pelo acolhimento que os nossos estimados assinantes lhe vêm dispensando, favor que nos torna devedores da maior gratidão.

2. Apenas quanto a Lisboa as coisas não correm bem, e, dado acontecer sempre assim só quanto àquela cidade com pessoas, dignas de todo o respeito, que depois nos vêm a dizer que não lhes foi apresentado qualquer recibo à cobrança, e até pelo aspecto dos recibos, que se vê mesmo não terem senão mudado de envelope, temos de concluir pela inutilidade dessas cobranças. Por isso rogamos aos nossos estimados assinantes de Lisboa que

nos enviem fundos, em vale, selos ou cheque, para liquidação das suas assinaturas, pois não voltaremos a utilizar os serviços dos C. T. T. para este fim para aquela cidade.

3. Enviaram-nos fundos para liquidação das suas assinaturas mais os seguintes assinantes:

Joaquim dos Santos Serra — Vila Franca de Xira: — Até ao n.º 70;

António José Garcia Mantelgas — Almada: — Até ao n.º 89;

António Francisco da Conceição Barradas — Banco Pinto & Sotto Mayor — Évora: — Até ao n.º 61.

D. Maria Fernanda Lobo e Sá — Lisboa: — Até ao n.º 76. Agradecemos.

(Continua na página 3)